

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

BEATRIZ NOGUEIRA DE SOUZA LOUREIRO

O futebol como ferramenta política em regimes ditatoriais: Estudos de caso
sobre a atuação da “Democracia Corinthiana” e da “Barra Brava Garra Blanca” na
luta pelo restabelecimento de direitos civis

São Paulo
2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

BEATRIZ NOGUEIRA DE SOUZA LOUREIRO

O futebol como ferramenta política em regimes ditatoriais: Estudos de caso sobre a atuação da “Democracia Corinthiana” e da “Barra Brava Garra Blanca” na luta pelo restabelecimento de direitos civis

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.
Orientador: Laerte Apolinário Junior.

São Paulo

2024

A todas meninas e mulheres que sonham em estudar o futebol, esse espaço
também é nosso.

AGRADECIMENTOS

Não poderia começar a seção de agradecimentos de outra forma que não fosse com a menção da minha família. À minha mãe Valéria, obrigada por sempre me apoiar e escutar todas as minhas ideias e ser minha fã número um e melhor amiga. Ao meu pai Ricardo, obrigada por sempre me estimular a conhecer o futebol, além de todas as conversas que teve comigo ensinando e contando a respeito do tema. Ao meu irmão Noah, agradeço por todas as formas que transformou minha vida e sinto muito por todas as vezes que precisei abdicar do nosso momento para construir minha carreira acadêmica – quando você estiver nessa posição, espero que sirva de inspiração. Minha vó, Marly, sua dedicação para-com minha educação foi o que me trouxe tão longe, sou eternamente agradecida por tudo que fez e faz diariamente por mim. E ao meu avô, Anibal, que não saberá em vida dessa e tantas outras conquistas, obrigada por passar de geração a geração o nosso amor por esse clube, que me serviu de norte para a produção mais importante da minha vida.

Aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado, em tantos momentos, vocês são a família que escolhi. Eduardo Albino, sua parceria durante todos os anos é de extrema importância para mim, obrigada por todo o apoio que me deu, especialmente nos últimos meses. À Julia Vieira e Beatriz Dutra, obrigada por me salvarem enquanto achava que a faculdade iria me engolir por inteira, vocês foram a minha grande descoberta e conquista permitida pela PUC – espero que saibam que pretendo levá-las comigo para sempre. Ao grande parceiro Guilherme Cuter, e maior cérebro que já vi, você vai muito longe, saiba que sempre terá uma corinthiana torcendo pelo seu sucesso. Dillon Hughes, você sempre será o maior exemplo de acolhimento que já tive, obrigada por ser sinônimo de casa e família em outro continente. Luiza Caparrotti e Amanda Kamilos, obrigada por serem minha família da vida e me acompanharem em todos os momentos.

Por fim, agradeço a todos os professores que cruzei durante minha graduação, por sempre estimularem minhas capacidades analíticas e me cativarem com o mundo das Relações Internacionais. Um agradecimento especial ao David Magalhães por tantos dias conversando comigo sobre o tema, com ótimas recomendações, e a meu orientador, Laerte Apolinário Junior, por me ajudar a lapidar o trabalho e me encorajar a escrever sobre um tema que tanto me fascina.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar a relação entre o futebol (como expressão de sociedade civil) e os regimes militares ditatoriais na América Latina. Para tanto, o trabalho aborda essa relação a partir da análise de movimentos populares oriundo do esporte, como a Democracia Corinthiana e o movimento da *barra brava Garra Blanca* durante os regimes militares, brasileiro e chileno respectivamente. O objetivo é analisar o uso do futebol como ferramenta política no contexto das ditaduras militares, compreendendo o papel desses movimentos futebolísticos, de modo a averiguar a contribuição de ambos os casos no restabelecimento do regime democrático nesses países. O trabalho está dividido em quatro capítulos que abordam, respectivamente, as produções teóricas sobre o papel do futebol na política; a participação da ditadura militar no Corinthians, o surgimento e as expressões da Democracia Corinthiana; a presença da junta militar no Colo-Colo, e no futebol chileno como um todo, e a criação da *Garra Blanca* e suas manifestações sociais; as convergências e divergências entre ambos os casos; e as inferências das atuações de ambas torcidas na luta pelo restabelecimento de direitos civis.

Palavras-chave: Futebol. Política. Democracia Corinthiana. *Barra brava. Garra blanca.* Ditadura militar. Expressões sociais. Junta militar chilena.

ABSTRACT

The following final paper's goal is to analyze the relation between soccer (as expression by civil society) and military dictatorships in Latin America. To do so, the paper approaches this relation by analyzing popular movements derived from soccer, such as the "*Democracia Corinthiana*" and manifestations by the "*barra brava Garra Blanca*" during the Brazilian and Chilean dictatorships, respectively. The paper aims to analyze the use of soccer as a means to a political end within military dictatorships, comprehending the roles of each soccer related expression, in order to determine the contributions of both cases in the struggle for reestablishing a democratic regime. There are four chapters to this paper talking about, respectively, the theoretical productions regarding the role of soccer in politics; the presence of the military within Corinthians, the Brazilian club, the advent of and expressions of the "*Democracia Corinthiana*"; the military junta presence within Colo-Colo, and Chilean soccer as a whole, the birth of the "*Garra Blanca*" and their social manifestations; the converging and diverging points in regards to both cases; the implications of both expressions in the struggle to reestablishing civil rights.

Keywords: Soccer. Politics. *Democracia Corinthiana*. *Barra brava*. *Garra blanca*. Military dictatorship. Social expressions. Chilean military junta.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 FUTEBOL E POLÍTICA: AR CABOUÇO TEÓRICO	11
1.1 Futebol e a criação da identidade	12
1.2 As ditaduras e o futebol	14
1.3 Futebol como meio de engajamento.....	16
2 A DEMOCRACIA CORINTHIANA	19
2.2 Como nasceu a Democracia Corinthiana?.....	20
2.3 Expressões da Democracia Corinthiana	21
3 A BARRA BRAVA GARRA BLANCA	23
3.1 O fenômeno das <i>barras bravas</i>	24
3.2 A <i>GARRA BLANCA</i>	26
4 UM COMPARATIVO ENTRE OS CASOS	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

Tardes de domingo, ao lado da família, com a televisão ligada em um jogo de futebol. Esse cenário é um fenômeno que se repete em toda extensão do território brasileiro e, frequentemente, é o primeiro a ser associado ao esporte no Brasil. Afinal, o futebol já se tornou característica inata de nosso país. Todavia, o esporte está longe de ser apenas um espetáculo aos seus espectadores, esse também tem sua importância no desenrolar político, e ela não se restringe às fronteiras brasileiras.

Por muito tempo, a contribuição do futebol foi ignorada pelas ciências políticas, em uma tentativa de distanciar o espaço político e o esporte, para que o último fosse estabelecido como um fenômeno de “prática social” (RIBEIRO, 2020, pp. 25-26 *apud* NASCIMENTO, BRAGA, 2022, p. 10). Assim, sabemos que o futebol tem sido sujeito de análise política, nacional e internacionalmente, apenas nos anos recentes. Dessa forma, na tentativa de contribuir para a literatura e pesquisa relacionada ao futebol, o presente Trabalho de Conclusão de Curso analisa os casos brasileiro e chileno de participação popular antiditatorial – especificamente da Democracia Corinthiana e a expressão da *barra brava Garra Blanca*, respectivamente – a fim de entender o local de contribuição de ambas.

Entre 1964 e 1985, o Brasil viveu sob o comando dos militares das Forças Armadas. O período da ditadura militar brasileira foi marcado pela institucionalização da violência e repressão, através do estabelecimento de 17 Atos Institucionais, que permitiram ao Estado desenvolver “uma complexa rede de órgãos capazes de executar o sistema de repressão” (BESAGIO, 2021, p. 60). Durante a ditadura, os meios democráticos de oposição foram destituídos e aqueles que tentassem realizar quaisquer atos contrários ao governo militar eram investigados, presos, interrogados, como também corriam o risco de serem torturados e mortos (BESAGIO, 2021). Assim, os militares estabeleceram, de forma institucionalizada, a censura e opressão.

Similarmente, durante os anos 1973-1990, o Chile vivia sob uma ditadura militar, governada pelo comandante do Exército chileno, Augusto Pinochet, e seus aliados comandantes das Forças Aéreas, Armadas e dos *Carabineiros*, a polícia chilena (BCN, 2023). O governo militar dissolveu o congresso, e incumbiu aos militares os poderes constituintes e legislativos, permitindo com que as decisões políticas ficasse à mercê do aparato militar. Assim como no caso brasileiro, os chilenos que se opunham ao governo autoritário eram detidos e torturados, alguns desapareciam e

muitos morriam (BCN, 2023). Logo, percebe-se como ambos os casos citados carregam semelhanças entre si já que: em primeiro lugar, os dois países estiveram submetidos a governos militares autocráticos – ambos estabelecidos por meio de um golpe de estado – e, em segundo lugar, protagonizaram casos extremos de perseguição política e violação aos direitos humanos.

Em conjunto às semelhanças políticas, durante ambos os períodos ditoriais, o futebol esteve presente e foi utilizado como ferramenta pelos governos autoritários, mesmo que com algumas diferenças particulares a cada nação. No Brasil, durante o governo militar de Emilio Médici (1969-1974), a seleção masculina nacional brasileira foi campeã da Copa do Mundo de 1970, e o general se apropriou da conquista a fim de enaltecer a ditadura militar. Conforme descrito por Shirts (1989, p. 122), Médici declarou feriado nacional, presenteou todos os jogadores do time com uma premiação em dinheiro (que estava isenta de tributação) e declarou que enxergava a vitória em campo como a ascensão brasileira na luta pelo desenvolvimento nacional. Enquanto isso, durante os primeiros momentos do novo regime militar chileno, sabe-se que estádios de futebol estavam sendo utilizados como campos de detenção e tortura (SAAVEDRA, 2013, pp. 51-52), devido às medidas dessas grandes propriedades, capazes de acomodarem multidões.

Todavia, a participação por meio do futebol não se restringiu às manobras de manipulação política dos militares brasileiros, nem tão pouco das apropriações desrespeitosas e violentas dos comandantes chilenos. No Brasil e no Chile, jogadores expunham suas preferências políticas, sejam elas pró ou contra o *status quo* do momento. Um caso emblemático da participação futebolística é a Democracia Corinthiana, alvo de estudo e análise deste trabalho, que contou com a presença de jogadores e outros membros do clube Sport Club Corinthians Paulista. A princípio, o evento nasce com o objetivo de mudança interna, mas é externalizado mediante a situação política do país durante os últimos anos da ditadura militar brasileira. No caso chileno, este trabalho irá focar no surgimento da *barra brava Garra Blanca*, uma das organizações civis de torcedores do *Club Social y Deportivo Colo-Colo*, sua presença nas manifestações pró-democráticas no país, e luta pelo direito de expressão civil.

O futebol fora escolhido durante esse trabalho devido ao seu potencial desportivo e político em ambos os países. Atualmente, existem diversas interpretações analíticas sobre o papel político que o futebol exerce, que tratam desde o potencial alienatório do esporte, capaz de colocar uma venda sob os olhos da

população, até a possibilidade de assimilação identitária que carrega consigo, conforme a próxima sessão explora com mais detalhes. Para o presente trabalho, deve-se ressaltar que as possibilidades de emprego e devidas análises da importância do esporte não são mutualmente excludentes, e podem exercer papéis complementários.

Portanto, com o exposto acima, chegamos ao objetivo principal deste trabalho que, de maneira geral, é a análise da temática futebolística e sua intersecção à política, a fim de entender os possíveis papéis que o esporte pode representar nos meios institucionais e sociais – especialmente em ditaduras militares. Como objetivos específicos, o trabalho busca trazer à tona as contribuições dessas expressões para seus países, e contribuir para produção de estudos interseccionais de futebol e política a partir das torcidas que acompanham seus times.

A partir dessa análise, pretende-se também averiguar a importância e possível contribuição dos casos para que os direitos civis das sociedades brasileira e chilena fossem restabelecidos após a supressão desses em regimes militares. Assim, o estudo foi realizado para que se possa trazer mais esclarecimentos a respeito dos dois movimentos que nasceram na esfera desportiva e esmiuçar suas participações como expressões da sociedade civil.

Para tanto, o trabalho foi estruturado da seguinte forma: um capítulo dedicado à discussão acadêmica em torno da relação e intersecção entre futebol e política; um capítulo para apresentar com mais profundidade os casos da Democracia Corinthiana e das manifestações da *barra brava Garra Blanca*, respectivamente; um capítulo que analisa e compara essas expressões a partir do arcabouço teórico produzido, a partir de pontos divergentes e convergentes entre ambos; e, por fim, um capítulo para inferências e considerações finais a respeito do tema analisado e debatido.

1 FUTEBOL E POLÍTICA: AR CABOUÇO TEÓRICO

Recentemente, o ambiente acadêmico das ciências políticas tem se articulado para produção de estudos que analisem o espaço do futebol dentro da política. Como de costume na academia, existem diversas interpretações de como o esporte estaria inserido na esfera das ciências políticas. Para alguns, o futebol é articulado como ferramenta que permite a distração dos cidadãos frente acontecimentos políticos, apelidada de pão e circo (GOLDBLATT, 2014), a fim de distanciar medidas e tomadas de decisões governamentais dos holofotes de suas populações e os entreter para gerar mais contentamento. Para outra parcela, o esporte é visto como o ópio do povo (EAGLETON, 2010), ou seja, o entorpecente capaz de anestesiar as massas dominadas para que elas não se revoltem contra as forças governamentais capitalistas.

Ainda mais, no ambiente acadêmico, o futebol também é visto como potencial para legitimação de governos quando suas seleções nacionais são vitoriosas, já que, geralmente, são propagadas e disseminadas de tal forma que implicam o êxito do esporte nacional como consequência direta da qualidade do governo (HARVEY, 2010 *apud* EDEN, 2013; LEVINE, 1980), especialmente em grandes competições internacionais como a Copa do Mundo e as Olimpíadas (HARVEY 2010 *apud* EDEN, 2013). Essas grandes competições internacionais podem se tornar propagandas políticas nas mãos de governos que as usam para estimular o patriotismo e ultranacionalismo violentos às suas populações. A exemplo, temos o caso da partida entre Honduras e El Salvador e o conflito geopolítico que acontecia na região durante o encontro desportivo em 1969, apelidado como a Guerra do Futebol (BAR-ON, 2014). As tensões geopolíticas entre os países eram fomentadas por xenofobia e violência contra imigrantes hondurenhos e salvadorenhos, e provenientes de disputas territoriais, sendo estimuladas pelos governos militares de ambos os países (BAR-ON, 2014). Assim, devido aos atos violentos perpetrados no momento do encontro futebolístico entre as nações, que garantia uma vaga à Copa do Mundo de 1970 ao vencedor, foi tão emblemático que apelidou o evento internacional (BAR-ON, 2014).

Ainda sobre o papel simbólico que o esporte pode adquirir para a disciplina das Relações Internacionais, Eden (2016) aponta a partida, em 2008, entre o time turco e armênio, na fase qualificatória da Copa do Mundo de 2010, como um importante passo

para as duas nações. Após muitos anos de enclaves diplomáticos e uma relação hostil, o então presidente turco, Abdullah Gül, foi convidado pelo então presidente armênio, Serzh Sargsyan, para assistir ao jogo que aconteceria em território armênio. Assim, as fronteiras entre os países foram brevemente abertas para cidadãos turcos que quisessem comparecer à partida de futebol pela primeira vez, desde 1993 (TAVARES, 2022). Após esse breve reencontro e uma melhora na relação, ambos presidentes iniciaram rodadas de negociação que levaram aos Protocolos de Zurique de 2009. Em 2022, uma nova rodada de encontros entre ministros da Turquia e Armênia foi realizada, a fim de honrar os protocolos (TAVARES, 2022).

Dessa forma, percebe-se que as produções acadêmicas a respeito das contribuições e o papel do futebol na política não apresentam um consenso. Ainda assim, seguindo a proposta desse trabalho, os próximos tópicos irão explorar mais a respeito de produções acadêmicos do papel que o futebol apresenta na política, passando pela importância do esporte como fonte identitária; suas relações com regimes ditatoriais e como aparecem em casos de torcidas, no espaço de engajamento durante supressões de direitos.

1.1 Futebol e a criação da identidade

Uma das características que se repete em grande parte da literatura acerca do futebol e a política é o potencial e importância identitária que o esporte apresenta para governantes de nações. Por toda a América Latina, o futebol é o esporte de maior representação, seja ele o profissionalizado ou o de várzea, mesmo sendo um esporte que não teve seus primórdios no continente americano, e fora importado da Inglaterra durante os anos de colonização. Portanto, para que o futebol fosse incorporado à cultura latino-americana como é atualmente, foi necessária uma mobilização por parte dos interessados em popularizar o esporte, e é esse o tema da publicação de Caldas na Revista USP (1994), que explica o desenvolvimento do futebol em solos brasileiros.

Os primeiros casos de aparecimento e criação de clubes de futebol no Brasil eram restritos às elites econômicas, considerando que até mesmo a bola foi um produto inglês importado ao país durante o final do século 19 (CALDAS, 1994). Levando em consideração o momento histórico da sociedade e aparato brasileiro, pode-se chegar à conclusão de que o esporte era inacessível a outras classes sociais. Durante seu artigo, o professor elabora o processo no qual o futebol passou a ser

incorporado por proletários de companhias, movimento que nasceu para suprir a necessidade de um time de oposição ao time dos donos e intelectuais da empresa. Mesmo que esse seja o processo de diversificação do esporte, não demorou até que outros grupos de trabalhadores se organizassem e criassem seus times de futebol.

Na década de 1930, durante o processo da institucionalização dos direitos trabalhistas, o esporte já havia se tornado intrínseco à identidade brasileira e isso foi confirmado quando esse foi institucionalizado como ofício, estabelecendo o futebol profissional. O fato da relação identitária ao futebol no Brasil também é explorado por Bowman (2015), ao realizar resenhas de uma seleção de livros escritos sobre a temática do futebol na América Latina. Segundo Bowman (2015), Goldblatt, em seu livro “Futebol Nation: The Story of Brazil through Soccer” (2014), categoriza o futebol como o elo que permite a criação de uma identidade nacional, e regional, já que substitui as duas outras formas que o nacionalismo possa ser estabelecido: através da participação bélica, e uma academia altamente difundida.

The first is the “relentless demand of industrialized warfare” (xvii)³. Latin American countries rarely fight each other on the battlefield, so this does not obtain. The second is the imagined community of reading newspapers and other literature in the vernacular, and Goldblatt points out that given “Brazil’s calamitously low level of literacy, the creation of a national public sphere through a shared language and literature was not a plausible strategy either” (xviii)⁴. Thus, Brazil is left with soccer as the source for identity and nationalism. (BOWMAN, 2015, p. 256).¹

Assim, pode-se considerar então que o futebol é uma ferramenta para que seja estabelecida uma identidade em comum entre os brasileiros. Atrelado ao sentimento identitário, após a profissionalização do esporte, o futebol passa a se tornar um meio mais acessível às outras classes sociais da sociedade. Dessa forma, os jogadores profissionais e os clubes passam a refletir cada vez mais a realidade e composição miscigenada da sociedade latino-americana, fazendo com que o futebol se traduza cada vez mais à cultura das massas.

É importante ressaltar que a capacidade identitária apresentada pelo futebol não é exclusiva para o caso brasileiro. O esporte também carrega consigo um grande

¹ “A primeira é a ‘demanda incessante por uma indústria bélica’ (xvii)³. Países da América Latina raramente se enfrentam em zonas de batalha, assim essa não explica [a identidade étnico-nacional]. A segunda é a comunidade imaginária que se dá pela leitura de jornais de noticiários e outras literaturas vernáculas, e Goldblatt aponta que, ‘devido ao calamitoso nível de alfabetização, a criação da esfera pública nacional por meio do vocabulário e literatura compartilhados também não era uma estratégia plausível’ (xviii)⁴. Portanto, o Brasil tem apenas o futebol como fonte de identidade e nacionalismo” (tradução nossa).

potencial de demonstração de coletividade, nacional e internacionalmente (EDEN, 2013). O êxito em grandes competições internacionais é capaz de mostrar a população das nações como um único elemento indissolúvel, ao mesmo tempo em que os jogadores incorporam a nação e se tornam símbolos dela (RIBEIRO, 2020).

international sport became an expression of national struggle, with sportsmen representing their states or nations, fundamental expressions of their imagined communities. The individual, even the one who only cheers, becomes the very symbol of his nation. (RIBEIRO, 2020, p. 21-22)²

1.2 As ditaduras e o futebol

Considerando que o futebol tem o apelo às massas da sociedade, parte da literatura existente aponta o potencial que o esporte pode ter como veículo de manipulação para ganhos e prestígio político relacionados às suas imagens perante o sistema internacional (GOLDBLATT, 2014; HARVEY *apud* EDEN, 2013; LEVINE, 1980). Não obstante, os governos militares brasileiro e chileno utilizaram da popularidade e difusão do esporte em seus países como ferramentas para legitimar e expandir o limite de controle de seus mandatos, já que “o futebol é uma instituição política informal, cuja estrutura se relaciona com o processo de socialização política” (NASCIMENTO; BRAGA, 2022, p. 4).

No caso brasileiro, além de presentear os jogadores da seleção de 1970 com dinheiro, o governo Médici iniciou um processo de interferência no time nacional, no qual o treinador Cláudio Coutinho, um capitão do exército, foi instruído a modernizar o estilo de jogo brasileiro, para que se tornasse mais técnico e menos improvisado (SHIRTS, 1989). A característica de tentar transformar o esporte com base na capacidade técnica e moderna é também a ideologia que existia dentro do Estado brasileiro durante a ditadura militar:

football (...) can teach ‘constructive’ values, improve health and morals, aid the capitalist economy, reduce [levels of] crime, develop notions of community and cooperation, and promote patriotism/nationalism (Arbena, 1989). Indeed, these mainstream values associated with football (...) have been frequently associated with Latin American authoritarian regimes (...). (BAR-ON, 1997, p. 19).³

² “esporte internacional se tornou uma expressão de esforço nacional, com esportistas representando seus estados ou nações, expressões fundamentais dos imaginários de suas comunidades. O indivíduo, até mesmo aquele que apenas torce, se torna o próprio símbolo de sua nação” (tradução nossa).

³ “futebol (...) pode ensinar valores ‘construtivos’, melhorar a saúde e valores morais, auxiliar a economia capitalista, diminuir [índice de] crimes, desenvolver noções de comunidade e cooperação, e promove patriotismo/nacionalismo (Arbena, 1989). De fato, esses valores populares associados ao

Logo, a fim de manter a legitimidade e penetrar as massas por meio do futebol, os governos militares apontam comandantes, capitães e outros membros do exército para ocuparem cargos de grande importância no esporte. Além de Coutinho, o cargo de presidência da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), agência reguladora do futebol antes da atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF), foi ocupado pelo Almirante Heleno Nunes que, além de ser um membro da marinha, também era o presidente do partido dos ditadores militares ARENA (COUTO, 2014). Isso garantia ao regime Médici “prestígio internacional e ênfase na centralização e [avanço tecnológico]” (LEVINE, 1980, p. 246, tradução nossa).

No caso chileno, o governo de Pinochet implantou um grupo bancário – *El Banco Hipotecario de Chile* – como presidente do time Colo-Colo em 1976 (CALDERÓN, 2022). Visto que o time estaria em ano eleitoral para presidência, as autoridades chilenas intercederam na escolha presidencial dos diretores do clube, e aproveitaram a oportunidade para promover os ideais capitalistas que o governo estava aplicando à própria economia (CALDERÓN, 2022). Ademais, assim como no caso brasileiro, o governo chileno apontou o subdiretor dos *carabineros* (órgão que funciona como a polícia) para o papel de diretor da *Asociación Central de Fútbol* (ACF) – hoje rebatizada como *Asociación Nacional de Fútbol Profesional* (ANCF).

Para Bar-On (2018), governo ditoriais autoritários e futebol estão relacionados de duas formas: a primeira, pela teoria de que o esporte representa retóricas “ultra-nacionalistas, discriminatórias, anti-imigratória e xenofóbicas” (p. 191, tradução nossa), apelidada por ele como Futebol da Guerra (“Soccer War”); e a segunda, por meio de uma visão Gramsciana que reforça o status quo de qualquer governo, já que reforça a “hegemonia ideológica” (p. 193, tradução nossa). Em ambas as teorias apresentadas pelo autor, o esporte é manipulado pela elite política de forma a reforçar a liderança de governos e propagar ideais favoráveis aos regimes, mesmo que a façam de maneiras distintas: a primeira, por retóricas antidemocráticas que estão alinhadas às premissas desses regimes; e a segunda, salientando o domínio institucional do futebol pelos líderes, permitida pela ordem liberal capitalista. Todavia, a teoria Gramsciana de Bar-On aponta uma dualidade para o esporte: a possibilidade

futebol (...) têm sido frequentemente associados a regimes autoritários latino-americanos (...).” (tradução nossa).

de o futebol ser utilizado como “veículo para mudanças sociais” (2018, p. 196, tradução nossa)

1.3 Futebol como meio de engajamento

Conforme a premissa Gramsciana, o futebol apresenta a possibilidade de mudanças sociais, já que articula diferentes classes, indivíduos e realidades no esporte, suas instituições e partidas. Assim, devido a esse intercâmbio ideológico, o futebol pode servir como ferramenta para que sejam organizadas “contestações entre diferentes interesses de classe” (BAR-ON, 2018, p. 193, tradução nossa) sejam elas culturais, sociais ou políticas. Graças à magnitude apresentada por esse esporte, a possibilidade de se atingir diversas esferas sociais, ou seja, o poder de alcance, permite que diferentes ideologias sejam difundidas. E essa premissa é vista nas realidades chilenas e brasileiras.

Conforme mencionado anteriormente, a participação do Estado dentro do espaço do futebol, alguns jogadores passaram a se expressar quanto às suas opiniões políticas, e é possível perceber o momento no qual o esporte participa e influencia as juventudes opositoras aos governos autoritários. No Chile, o antigo atacante da seleção, Carlos Caszely, foi uma figura emblemática que se opôs ao governo de Pinochet. Caszely não escondia seu descontentamento para-com o governo militar e, por isso, acabou sofrendo as consequências da censura e cerceamento de liberdade de expressão: sua mãe foi presa e torturada, devido à oposição de seu filho (BAR-ON, 2014).

Ainda que o Caszely se opusesse ao regime Pinochet – se recusando inclusive de apertar a mão do ditador após a vitória chilena sobre a União Soviética, em 1973, em uma partida classificatória para Copa do Mundo (CANTONA, c2023) – seu companheiro de equipe Elias Figueroa se expressava a favor do regime ditatorial. Diferentemente de Caszely, Figueroa não expressava frequente e publicamente sua opinião política, porém o jogador foi abertamente favorável ao lado militar no referendo de 1988, que punha em votação a permanência ou não do regime de Pinochet (BAR-ON, 2013). Consequentemente, o jogador foi aclamado pelo governo ao receber honras nacionais (BAR-ON, 2013), ao mesmo tempo em que colegas da profissão eram perseguidos.

No Brasil, o atacante Reinaldo de Lima também foi uma das personalidades que utilizava do veículo midiático, proporcionado pelo futebol, para expressar sua opinião política contrária ao regime militar. Após a copa de 1978, Reinaldo foi entrevistado para a revista Movimento, e o jogador deixou clara sua preferência política, defendendo o direito de manifestação e envolvimento democrático do povo brasileiro. Ainda mais, o atacante defendeu “amnistia aos exilados políticos, eleições diretas e o fim da ditadura militar” (COUTO, 2014, p. 1272, tradução nossa), e, posteriormente, admitiu que as palavras proferidas na entrevista eram intencionais, reconhecendo que estava em uma posição de grande popularidade e utilizando essa condição para expressão do povo (COUTO, 2014, p. 1273). Assim como Caszely sofreu as consequências, Reinaldo foi posto em uma encruzilhada pelo almirante Nunes (na competência de presidente do CBD), que chegou a dar um depoimento à mídia, informando que o jogador seria cortado da Seleção.

No Brasil, outra manifestação com fôlego político e midiático foi a Democracia Corinthiana. Já no processo de redemocratização do aparato estatal brasileiro, o movimento, muitas vezes encabeçado por Sócrates (meio-campista do Corinthians na época), teve participação dentro e fora do campo de futebol. O movimento da Democracia Corinthiana nasce da necessidade interna do clube em promover um ambiente mais democrático, mas toma proporções maiores na sociedade. Jogadores do time como Sócrates, Casagrande, Wladimir, e o então presidente do clube, Adilson Monteiro Alves (outro idealizador da Democracia Corinthiana), compareceram ao grande comício popular, no qual a sociedade civil clamava pela volta de eleições diretas, conhecido como Diretas Já! (SILVA, 2019, p. 57).

No Chile, a juventude popular associada ao time Colo-Colo, encontrou nos estádios de futebol a possibilidade de organização e expressão política. Devido à inexistência de canais institucionalizados para exercício de expressão dessa juventude, essas atividades de protesto “barricadas y numerosos enfrentamientos com Carabineros y fuerzas de orden”⁴ (CIFUNTES CARBONETTO, MOLINA CARVAJAL, 2000, p. 32) foram restringidas aos espaços desportivos, em especial do futebol. Assim, com um sentimento antiditatorial e atividades de subversão, os torcedores do time Colo-Colo criam a barra brava Garra Blanca: “La Garra Blanca se organizó para

⁴ “barricadas e diversos confrontos com Carabineros e forças de ordem” (tradução nossa).

*actuar de acuerdo a la situación social y política que se estaba viviendo, (...) durante la dictadura*⁵ (CIFUNTES CARBONETTO, MOLINA CARVAJAL, 2000, p. 66).

⁵ “A *Garra Blanca* foi organizada [institucionalmente] para atuar de acordo com a situação social e política do momento que estavam vivendo, (...) durante a ditadura” (tradução nossa).

2 A DEMOCRACIA CORINTHIANA

Conforme mencionado no capítulo anterior, os comandantes de regimes militares, sabendo do alcance social do futebol, além da legitimação que esse traz, utilizaram o esporte na tentativa de assimilar seus governos ditoriais às massas. Dessa maneira, já é possível estabelecer que o futebol tem um papel de legitimidade e assimilação em regimes políticos. Não obstante a esse cenário, o interior do clube corinthiano, com suas diretorias e presidência, também passava por uma tentativa de o assimilar o clube e sua identidade ao regime nos anos 60.

Durante a série de manifestações de março e junho de 1964, intituladas de Marcha da Família com Deus pela Liberdade, parte da população brasileira clamava pelas forças que seriam capazes de salvar a nação contra a suposta ameaça comunista do governo de João Goulart (1961-1964). Nessas ocasiões, eram entoados discursos que clamavam pelo espírito fundador de jesuítas e bandeirantes, a fim de estabelecer um elo comum, constante e permanente da sociedade brasileira. Dessa mesma forma,

essa visão de mundo [de uma instituição da sociedade de um caráter sagrado, a-histórico e imutável] (...), penetrava, por fim, no universo do futebol [corinthiano] (...), nos conturbados anos 60, (...) graças à identificação de seus dirigentes com o novo regime autoritário. (FLORENZANO, p. 16, 2009).

Florenzano (2009) ainda aponta para um discurso feito pelo então presidente do clube paulistano, Wadih Helu, no qual esse fazia alusão a uma imagem de um torcedor único, que expurgava as diferenças sociais em prol de um interesse comum: os gols do time corinthiano. O autor se baseia em reportagens diversas – como dos jornais A Gazeta Esportiva e o Estado de São Paulo – para pintar o panorama centralizador que ingressava o futebol brasileiro nos anos 60, como uma condição predecessora à criação de Democracia Corinthiana.

O motivo por trás dessa centralização de poder à figura presidencial do clube esportivo também tinha como objetivo a supressão das ideias e participação de atleta em decisões pertinentes ao time, dentro e fora de campo. Para Florenzano (2009) e Shirts (1989), esse é um momento crucial na história do futebol brasileiro em que se substitui a forma do futebol-arte em prol do futebol-força, no qual o profissional futebolístico passa a ser visto como produto capitalista, que deve exalar força física e resultado em detrimento ao raciocínio de articulação em campo e os dribles e jogadas individualistas.

Atrelado a isso, durante os anos 70, o clube era presidido por Vicente Matheus, cuja “gestão [fora] reconhecida por sua autoridade centralizadora, paternalista e antidemocrática” (SILVA, p. 54, 2020) e durou 10 anos (1971-1981). Matheus se manteve como presidente do clube alvinegro até que não pudesse mais se candidatar novamente. Como forma de manter exercendo seu domínio político, o ex-presidente se associa à Waldemar Pires, criando a chapa da situação e se lançando à corrida eleitoral interna como vice-presidente. A partir de então, o cenário se fazia favorável e encaminhava, aos poucos, para o que seria a criação da Democracia Corinthiana.

2.2 Como nasceu a Democracia Corinthiana?

Em 1981, a chapa que apresentava Pires e Matheus como presidente e vice, respectivamente, é vitoriosa e assume as rédeas do clube paulistano. Porém, para surpresa de Matheus, que esperava que Pires ocupasse uma posição de “ditador incompetente’ (...) como tentava o regime militar” (ACCORSI et al., 2019, p. 34), o presidente concentra suas decisões e não abre espaço para as iniciativas e empreitadas de seu vice. Pires contrata Adilson Monteiro (um sociólogo) como diretor de futebol do clube, que realiza a contratação de um técnico contrário a linha-dura da ditadura militar brasileira (ACCORSI et al., 2019), e, aos poucos, incorpora a participação dos jogadores às decisões administrativas e técnicas do time, se opondo às tendências do futebol pregadas pelo regime militar.

Assim, em 1983, enfrentando sua segunda candidatura à presidência alvinegra, Pires se torna adversário de Matheus. Nesse período, considerando as movimentações dentro do clube paulistano, manifestações públicas e frequentes de alguns jogadores, e o momento social brasileiro que já desenhava o período da redemocratização do país, é estabelecido – por Juca Kfouri, um jornalista desportivo conhecido nacionalmente, em conjunto ao presidente e alguns jogadores – o nome da chapa do então presidente, a chapa da Democracia Corinthiana. Similar ao cenário político brasileiro, a oposição se autointitulava como chapa da Ordem e da Verdade, lemas que eram regularmente utilizados pelas forças militares no país (ACCORSI et al., 2019).

Graças à grande repercussão do futebol, esporte de maior expressão nacionalmente, e veículos da mídia desportiva – e não desportiva – alguns nomes dentro do clube foram ganhando espaço para além do futebol. Com isso, aos poucos,

grandes personalidades, como a de Sócrates, Zé Maria, Casagrande, Pires e Monteiro, passaram a participar de mobilizações da sociedade civil que pediam pela abertura democrática do país (ACCORSI et al., 2019). O momento corinthiano extrapolava os limites do time de futebol e se tornava também uma das forças do movimento das Diretas Já! (ACCORSI et al, 2019; FLORENZANO, 2009) – série de manifestações entre os anos 1983 e 1984 que pediam pelo restabelecimento do voto direto pela aprovação de uma emenda constitucional intitulada como Dante de Oliveira –, ao lado de figuras sindicalistas, como Luiz Inácio Lula da Silva, e grupos da oposição mais conservadores, como era o caso de Tancredo Neves, Ulysses Guimarães e Fernando Henrique Cardoso.

2.3 Expressões da Democracia Corinthiana

Antes mesmo da proclamação do que seria a Democracia Corinthiana, a torcida corinthiana já participava e representava de forma importante os ideais de um fim ao regime militar ditatorial, se alinhando às lutas democratizantes. O ano era 1979, e os torcedores de sua maior torcida organizada, a Gaviões da Fiel, levam uma bandeira para a partida clássica entre Santos e Corinthians, que reunia mais de 100 mil pessoas no estádio do Morumbi, que lia “anistia ampla, geral e irrestrita” (FLORENZANO, 2009, p. 416). Assim, percebe-se que não apenas os jogadores do clube alvinegro, como também seus torcedores (que, em sua maioria, são de classes sociais baixas, garantindo ao Corinthians o reconhecimento de um time das massas), demonstravam que o futebol também servia como espaço para contestação do senso comum:

A existência de uma equipe de futebol que recusava se submeter à figura do comandante, que o desmoralizava em público e que insistia em voar com autonomia (...). (...) Nesse aspecto, a Democracia Corinthiana minava o sentido da realidade, provocava o distanciamento crítico das noções do senso comum e desagregava a concepção de mundo que fixava os atletas em papéis predeterminados e subalternos (FLORENZANO, 2009, p. 481).

Posteriormente, por meio de influências do governo ditatorial e da repressão da liberdade de expressão, a Federação Paulista de Futebol (FPF) comunicou ao Corinthians que era proibida a vinculação de estampas políticas aos uniformes dos jogadores – o time havia, após uma decisão norteada pelo marketing, adicionado às costas camisas, as palavras Democracia Corinthiana. Assim, para não sofrer possíveis penalizações e represálias, o clube retira os escritos de suas camisas, mas

organiza um movimento parecido ao de sua torcida. Também no estádio do Morumbi, os jogadores alvinegros entram em campo com uma faixa que diz “Ganhar ou perder, sempre com democracia” (ACCORSI et al., 2019), fazendo alusão à perda simbólica representada pela proibição da FPF, e às partidas de futebol que o time perdia.

Em poucas palavras, ao tomar atitudes que endossavam publicamente os pedidos de redemocratização, bem como transpor às diretrizes militares para o futebol brasileiro, o movimento da Democracia Corinthiana posava como uma realidade da teoria Gramsciana, conforme discorrido por Bar-On (2018) – sejam elas realizadas pelo Corinthians e seus jogadores como instituição, sejam pelas expressões de sua torcida. O comparecimento e a participação do grupo de jogadores corinthianos na manifestação do Vale do Anhangabaú, pelo movimento das Diretas Já!, demonstra como o encontro de ideologias e classes, permitidos pelo futebol, permite a emergência de mobilizações contrárias ao status quo, concedendo ao esporte o papel de veículo de movimentos sociais que desafiam as elites.

3 A BARRA BRAVA GARRA BLANCA

Não obstante à participação do governo militar brasileiro no futebol, a junta militar chilena também se fez presente no esporte uma vez que tomou poder após o golpe de estado em 11 de setembro de 1973. Nos primeiros momentos de estabelecimento do governo autoritário, ginásios, velódromos e estádios de futebol foram utilizados como campos de concentração pelas Forças Armadas e Carabineiros (ELSEY, 2011; CALDERÓN, 2022; MEMORIA VIVA, [s.d.]). No antigo Estádio Chile, o músico Víctor Jara fora assassinado, e agora o espaço foi rebatizado e leva o nome do artista em homenagem: Estádio Víctor Jara (ELSEY, 2011, p. 243). Esses espaços públicos que serviam um propósito desportivo, social e comunitário foram utilizados como grandes campos de detenção, tortura e execução (ELSEY, 2011; CALDERÓN, 2022).

Após tomar posse do governo chileno, iniciou-se um processo de desmantelamento de diversas organizações da sociedade civil no país (ELSEY, 2011), cerceando a liberdade de expressão e manifestação de parte da sociedade civil, a fim de desestabilizar e diminuir a capacidade de oposição que esses grupos podem apresentar para o governo. Dessa forma, todas as organizações civis chilenas foram proibidas de promover eleições, com exceção de 2: a disputa de beleza Miss Chile, e a *Asociación Central de Fútbol* (ELSEY, 2011; CALDERÓN, 2022). E dentre essas duas organizações, a junta militar conseguiu com que o general Eduardo Gordon, subdiretor da polícia chilena, ocupasse o cargo de presidência da entidade máxima de futebol do país.

Uma vez eleito, a presença de um militar na cúpula máxima do órgão regulamentador do futebol chileno, iniciou-se por parte do governo e ACF um projeto para expandir e criar clubes desportivos nas regiões norte e sul do país, mais afastadas dos olhos e mãos de Pinochet (CALDERÓN, 2022). A motivação por detrás da criação de 8 clubes novos – 5 na região norte e 3 na sul – envolvia desde a estimulação e assimilação da identidade chilena em áreas fronteiriças do país, até servir como distração às equipes de mineradores, assim evitando a margem de organizações compostas por trabalhadores, que poderiam tentar se manifestar contra o governo ditatorial (CALDERÓN, 2022, p. 24).

No que tange aos clubes já existentes e com mais popularidade no país, a junta militar também se fez presente e tomou medidas que favoreciam o controle, do

espetáculo apresentado pelo esporte, da liberdade de expressão e da marca por trás do clube. Em 1980, a ACF desvincula a administração do *Club Universidad de Chile* da universidade pública, que já estava sob domínio do governo ditatorial, e instaura uma nova diretoria sob Ambrosio Rodríguez, um dos ministros de Pinochet, e Rolando Molina, que viria a ser presidente da ACF entre 1983 e 1984 (CALDERÓN, 2022, p. 28). Foi durante os anos de sua presidência na entidade máxima de futebol que os clubes chilenos contraíram uma dívida histórica: 1,4 bilhões de pesos chilenos (CALDERÓN, 2022, p. 29).

No período da ditadura, o futebol chileno também passou a funcionar dentro de um cenário econômico de neoliberalização, orientado pelas novas diretrizes que Pinochet adotava com a economia do país. É dentro dessas normas e mudanças que o débito mencionado acima surge e, concomitantemente, se estabelece um grupo econômico – o Banco Hipotecário do Chile – como presidência do clube mais popular, Colo-Colo, conforme mencionado anteriormente. Assim, durante os anos de repressão, controle e neoliberalização promovidos pelo governo da junta militar é que se formam novas organizações civis de torcedores no Chile, as chamadas *barras bravas*, especialmente a *barra brava garra blanca*, objeto de análise desse trabalho.

3.1 O fenômeno das *barras bravas*

As *barras bravas* são uma forma de organização civil que derivam dos torcedores e torcidas organizadas de futebol, nascidas na América Latina, dentro do contexto das ditaduras militares na região (BASCUÑÁN, 2020). Os grupos de torcedores que formam as *barras bravas* viviam sob um período específico da história chilena, e latino-americana num geral, do qual não se era permitido formas de manifestações e se exercia um supercontrole por parte governamental. Assim, suas ações, em vezes, violentas tentavam demonstrar a insatisfação ao meio que estavam subjugados, mas que foram suficientes para que se fossem estigmatizados:

Los medios de comunicación se centraron en elaborar la imagen del barrista como sinónimo de un joven violento o peligroso, invisibilizando, en ocasiones, el momento de coyuntura social y política que fueron gatillantes en su formación, y las motivaciones, valoraciones, justificaciones, etc., que pudiesen tener los integrantes de una barra de fútbol al momento de ingresar y formar parte de ellas (BASCUÑÁN, 2020, p. 41).⁶

⁶ “Os meios de comunicação focaram em elaborar uma imagem do barrista como sinônimo de um jovem violento ou perigoso, invisibilizando, em ocasiões, o momento da conjuntura social e política

Ao associar a imagem das *barras bravas* chilenas à violência, estavam assemelhando essas organizações civis do futebol ao fenômeno do futebol inglês conhecido como hooliganismo (BASCUÑÁN, 2020; CIFUNTES CARBONETTO, MOLINA CARVAJAL, 2000). Os hooligans são grupos que têm como objetivo e prazer máximo a violência e desordem, tendo ligações fortes a traços de xenofobia e preconceito a pessoas que não sejam provenientes de suas cidades e bairros (BASCUÑÁN, 2020). Todavia, é necessário perceber que os cenários e situações dos quais essas organizações estão inseridas em suas criações a fim de entender como as *barras bravas* se diferenciam dos hooligans:

as barras locais se limitaram a manifestar o descontentamento político e social dentro dos estádios de acordo com o contexto em que surgem. Quando falamos de culto à violência no futebol, nos referimos ao gosto e prazer pela prática de ações consideradas violentas (BASCUÑÁN, 2020, p. 52, tradução nossa).⁷

De fato, assim como os hooligans, as *barras bravas* chilenas eram formadas principalmente por jovens torcedores de uma classe trabalhadora (BASCUÑÁN, 2020). Considerando as condições sociopolíticas já mencionadas, essas juventudes veem em estádios, durante partidas de futebol, formas de organização que permitem suas manifestações, assim como indivíduos que tenham objetivos e visões semelhantes – o êxito de seu clube, inicialmente. Aos poucos, se tornam comunidades com demografias similares e se passam a se organizar coletivamente (CIFUNTES CARBONETTO, MOLINA CARVAJAL, 2000). Assim, as *barras* chilenas, “como espaço comum e de tensão, se converte[m] em uma nova escola de formação política” (BASCUÑÁN, 2020, p. 44, tradução nossa)⁸.

Portanto, conforme o autor Bascuñán classifica em seu livro “*Salta la Garra Blanca descontrolada: reflexiones sobre las políticas de control de las barras de fútbol chilena*” (2020), com o desenrolar de sua criação e estabelecimento no final da ditadura militar chilena, as *barras bravas* podem ser consideradas dentro de um novo

que foi gatilho para sua formação, e as motivações, avaliações, justificativas, etc., que poderiam ter os integrantes de uma barra de futebol no momento de ingressam e fazerem parte dela” (tradução nossa).

⁷ “*las barras locales se limitaron a manifestar el descontento político y social en el interior de los estadios acorde al contexto en el que surgen. Cuando hablamos de culto a la violencia en el fútbol, nos referimos al gusto o placer por la práctica misma de acciones consideradas violentas*” (BASCUÑÁN, 2020, p. 52).

⁸ “*como espacio común y de tensión, se convierte em una nueva escuela de formación política*” (BASCUÑÁN, 2020, p. 44).

movimento social, que é derivado da fragmentação do movimento proletário em subtópicos diferentes, como a luta indígena, da comunidade LGBTQIA+ e socioambiental (BASCUÑÁN, 2020, p. 44).

3.2 A *Garra Blanca*

No Chile, a *Garra Blanca* é a primeira *barra brava* a ser documentada, em 1985, sob o nome *Barra Estudiantil* (CIFUNTES CARBONETTO, MOLINA CARVAJAL, 2000, p. 22), e representa os barristas torcedores do time de Club Social y Deportivo Colo-Colo. Conforme descrito pelos autores Cifuntes Carbonetto e Molina Carvajal (2000), o grito de “y va a caer” (p.66) é entoado em primeiro lugar dentro do estádio de futebol, por torcedores. Conforme entrevista concedida aos autores, um membro da *Garra Blanca*, Androide, se recorda da primeira participação da barra em uma manifestação:

la primera aparición pública de la barra en una manifestación, (...) gente del MIR [Movimiento de Izquierda Revolucionaria], del Frente [Popular], el movimiento estaba atrás, y nosotros llegamos al escenario. La llevamos, (...) la cuestión del Colo Colo con una bandera chilena, el Ché [Guevara], se subieron arriba de una terraza. Ahí eso sirvió como empuje para todos nosotros. Dijimos: 'somos capaces', 'tenemos un potencial'. Esa fue más o menos la primera aparición social de la Garra (CIFUNTES CARBONETTO, MOLINA CARVAJAL, 2000, p. 66).⁹

Dessa forma, a *Garra Blanca* era uma organização que nasce com propósito antititariais e consegue expressá-los dentro do ambiente dos quais nascem, dentro de estádios de futebol, com diversos cantos contra Pinochet, e também com demonstrações gráficas contra o militar – como foi em 1995, quando a *Garra Blanca* queimou um boneco que fazia alusão ao antigo governante no dia de seu aniversário (CIFUNTES CARBONETTO, MOLINA CARVAJAL, 2000, p. 66) – enquanto a esquerda jovem só conseguia se manifestar em tais locais. De toda forma, os barristas também se lançaram para manifestações além das delimitações dos estádios, se mobilizando como os novos movimentos sociais (BASCUÑÁN, 2020; CIFUNTES CARBONETTO, MOLINA CARVAJAL, 2000). Hoje, já foram

⁹ “a primeira aparição pública da barra em uma manifestação, (...) pessoas do MIR [Movimento de Esquerda Revolucionária], da Frente [Popular], o movimento, estrava atrás, e nós chegamos no local. Nós levamos, (...) a questão do Colo Colo com uma bandeira chilena, o Ché [Guevara], subiram, acima de uma laje. Ali, isso serviu como um empurrão para todos nós. Falamos: ‘somos capazes’, ‘temos um potencial’. Essa foi mais ou menos a primeira aparição social da Garra” (tradução nossa).

“reconstruídas como um novo sujeito, o barrista crítico, com práticas discursivas antagônicas à institucionalidade vigente, questiona e ataca as agências governamentais com as quais disputa seus espaços de tensão, que não são apenas os estádios de futebol senão também outros espaços públicos e centros de disciplina, como escolas e prisões” (BASCUÑÁN, 2020, p. 114, tradução nossa).¹⁰

¹⁰ “con un nuevo sujeto, el barrista crítico, con prácticas discursivas antagónicas a la institucionalidade vigente, cuestiona y ataca a las agencias gubernamentales con las que disputa sus espacios de tensión, que ya no son solamente los estadios de fútbol sino también otros espacios públicos y centros de disciplinamiento, como las escuelas y las cárceles” (BASCUÑÁN, 2020, p. 114).

4 UM COMPARATIVO ENTRE OS CASOS

Em primeiro lugar, tanto no Brasil quanto no Chile, os governos militares fizeram grandes esforços e tiveram participações expressivas no futebol durante os períodos ditoriais. Conforme mencionado ao longo do trabalho, militares foram apontados para cargos de presidência e administração das entidades desportivas, o que os garantiam prestígio e mais controle sobre o espetáculo, capitais gerados e normas regulatórias. Além disso, ambos utilizaram do futebol como uma ferramenta capaz de gerar vínculos identitários com seus cidadãos – como vimos com o governo Médici, que atribuiu a vitória da Copa do Mundo de 1970 aos avanços realizados pela ditadura; e com o governo Pinochet ao financiar a criação de clubes de futebol pela extensão Norte-Sul do Chile.

Outra semelhança importante no tratamento ao futebol durante as ditaduras militares brasileira e chilena é a admissão de novos clubes à competição máxima nacional. No caso do Brasil, a competição conhecida hoje como Campeonato Brasileiro foi criada após a vitória mundial de 1970, mas para servir um propósito à junta militar brasileira: reestabelecer a popularidade da ARENA na instituição política (LEMMI, 2014). O campeonato foi sendo utilizado pelo então presidente do órgão regulador brasileiro, o Almirante Nunes, durante anos por meio da promessa de inclusão de times de futebol que não o disputavam inicialmente, com a condição de que a ARENA recebesse votos dos parlamentares (LEMMI, 2014) – uma espécie de voto de cabresto baseado em favores futebolísticos e políticos. Já no caso chileno, o número de equipes que disputavam a primeira e segunda divisão do campeonato nacional foi sendo saturado por Rodríguez, à época presidente da ACF, para conseguir angariar mais receitas referente ao esporte e, com o passar dos anos, levaram à dívida histórica do futebol chileno (CALDERÓN, 2022).

Apesar das semelhanças mencionadas ao longo do trabalho, também foram descritas diferenças entre o tratamento dos militares brasileiros e chilenos para-com o esporte. No Chile, a apropriação e usurpação de clubes chilenos por parte do governo Pinochet foi muito mais presente do que no caso brasileiro. Cargos de alto escalão administrativo foram sequestrados pelos militares chilenos que apontarem personalidades – e até mesmo empresas – com agendas explicitamente favoráveis à ditadura de Pinochet, para que fosse possível dominar o ambiente de clubes extremamente populares no país. Já no Brasil, a presença militar nos clubes fora mais

sutil, sendo articulada por meio de afinidades e bajulações, e não tanto de forma direta como a eleição de dirigentes apontados pelos militares. Pode-se dizer que o aparato militar brasileiro estava mais preocupado em criar uma imagem favorável ao governo ditatorial a partir da mobilização da seleção brasileira – visto o grande sucesso que essa tem em grandes competições internacionais.

Já no que tange os casos analisados, existem diferenças fundamentais entre como ambos foram concebidos. Como dito anteriormente, a Democracia Corinthiana se inicia como um movimento interno ao clube, organizados por pessoas que estavam inseridas nas esferas administrativas da instituição, e não pelas arquibancadas. Aos poucos, devido ao cenário sociopolítico do momento, – mas também considerando a possibilidade e o potencial que a Democracia Corinthiana poderia trazer para o marketing do time – e contando com a participação de jogadores que exerciam seus direitos de expressão como membros da sociedade civil, o movimento foi sendo externalizado e passava a marcar presença nas grandes manifestações pró-democráticas brasileiras.

No caso da *barra brava Garra Blanca* foi constatado que a concepção dessa organização nasce das arquibancadas e da torcida, enquanto os torcedores corinthianos herdaram e incorporaram a Democracia Corinthiana da administração do clube. Não apenas a *Garra Blanca* nasce durante o governo militar Pinochet, como a forma das comunidades *barras bravas* é completamente proveniente do papel que o futebol exercia durante as ditaduras latino-americanas. Assim, não foi difícil para que tais associações da sociedade civil estivessem presentes na luta contra o governo autoritário de Pinochet, e se tornasse uma característica inerente da *Garra Blanca* – assim como a violência também é.

A violência associada às *barras bravas* também é outra dissemelhança prevalecente entre as duas expressões estudadas ao longo do trabalho. O processo de manifestação da Democracia Corinthiana nunca utilizou da violência para expressar a insatisfação com o governo autoritário, ao passo que grande parte da identidade barra brava está associada à violência no processo de demonstração de ideais que a organização defende. Ao longo do subtópico de contextualização da *Garra Blanca*, a assimilação ao hooliganismo foi abordada justamente por ser uma característica muito presente e frequente nas *barras bravas* (BASCUÑÁN, 2020; CIFUNTES CARBONETTO, MOLINA CARVAJAL, 2000; AMÉRICO, 2012).

Todavia, conforme discutido mais cedo no presente trabalho, a violência empregada pela *Garra Blanca* não é a mesma propagada pelo hooliganismo, visto que a *barra brava* tem caráter político afiliado à esquerda revolucionária (CIFUNTES CARBONETTO, MOLINA CARVAJAL, 2000). Enquanto o movimento inglês semeia manifestações violentas baseadas no conservadorismo e no processo de discriminação contra o outro (BASCUÑÁN, 2020; CIFUNTES CARBONETTO, MOLINA CARVAJAL, 2000), a *Garra Blanca* adota abertamente uma ideologia marxista revolucionária (CIFUNTES CARBONETTO, MOLINA CARVAJAL, 2000, p. 66). Ao passo que, no Brasil, a *Democracia Corinthiana* não fazia menções a nenhuma preferência ou associação ideológica, apenas mantinha sua defesa em prol de um cenário político e social democrático.

De toda forma, apesar das diferenças entre os casos citadas, ambos nasceram a partir do futebol. Tanto as participações e expressões da *Garra Blanca*, quanto às da *Democracia Corinthiana* foram possíveis apenas pelo ambiente comum a ambas, o esporte. Ainda mais, a existência e nascimento de ambos os casos é proporcionado e causado pelas utilizações do futebol pelos governos militares brasileiro e chileno, e se apresentam como potenciais de mobilização que nascem a partir da intersecção entre o esporte e a vida política.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Bar-On (2014) defende em seu livro, o futebol pode, e deve, ser utilizado como uma lupa para análise do mundo: *“If we examine the world through soccer, we learn lessons about politics, religion, ethics, marketing and business, leadership, childhood and dreams, immortality and the meaning of life, and fine arts”*¹¹ (BAR-ON, 2014, p. 231). Com isso, o esporte também deve ser empregado em análises que pretendem esmiuçar momentos da ciência política, visto que apresenta uma visão valiosa do fazer político.

Em seu capítulo no livro *“Football and Social Sciences in Brazil”* (2020), Ribeiro elucida a necessidade, apresentada tanto pelo esporte quanto pelos aparatos políticos estatais, em se criar um distanciamento do futebol da esfera política (RIBEIRO, 2020, p. 13-14). Todavia, a pura existência dos esforços de negação da política pelo futebol, como o autor chama de *“political place of neutrality”* (2020, p. 14), já demonstra e reforça como o esporte não existe aquém à política.

Dessa forma, o presente trabalho de conclusão de curso focou nos casos da Democracia Corinthiana e da *Garra Blanca* para analisar qual o papel que essas duas manifestações provenientes do esporte teriam com a política de regimes autoritários de seus anos. Com isso, foram analisadas algumas relações entre o futebol e as ciências sociais e políticas – como seu potencial identitário, as manobras de controle por parte dos mecanismos dos governos autoritários e a forma que o esporte pode engajar populações – para entender as formas de intersecção entre a política e o futebol que permitiram o nascimento dos casos.

Posteriormente, o trabalho apresentou especificamente a relação e interação entre o governo militar brasileiro e o Sport Club Corinthians Paulista, descrevendo o cenário que culminou no surgimento da Democracia Corinthiana. O capítulo também articulou algumas das literaturas e publicações existentes a respeito do tópico e sua contribuição para as ciências sociais e políticas. Por fim, apresentou o espaço que a Democracia Corinthiana ocupou durante as manifestações pró-democráticas no Brasil, a forma que o caso extrapolou os limites da administração e agremiação de jogadores, se consolidando e sendo internalizada pela torcida do time.

¹¹ “Se examinarmos o mundo por meio do futebol, aprendemos lições sobre política, religião, ética, marketing e administração de negócios, liderança, infância e sonhos, imortalidade e o sentido da fina, e das belas-arts” (tradução nossa).

Sequencialmente, o próximo capítulo analisa com mais profundidade a relação do governo Pinochet com o futebol chileno, inclusive no que tange aos dois mais populares clubes do país, e a consequência iminente da opressão e intromissão militar a eles que são as *barras bravas*. Com isso, se fez necessária também a contextualização e explicação do que são as *barras bravas*, para que se chegasse à criação do caso da *Garra Blanca*, que apoia o *Club Social y Deportivo Colo-Colo*. Por fim, analisa o papel que essa organização da sociedade civil representa e suas relações com movimentos democráticos.

Finalmente, o último capítulo do trabalho realiza uma análise comparativa entre os casos estudados, e as relações dos governos com o futebol. Nele, são ressaltadas as eventuais diferenças entre os casos, mas também suas semelhanças, amarrando as relações que podem ser estabelecidas para utilização de ambos no estudo entre o futebol e os regimes ditoriais. Assim, de forma geral, o trabalho estudou as relações entre o futebol e o papel que esse ocupa nas produções de ciências políticas e como os casos poderiam ser estudados sob a visão da importância que o esporte apresenta no espaço político.

Atualmente, a Democracia Corinthiana se tornou uma característica associada aos torcedores e da essência do clube paulistano, sendo relacionado ao panorama demográfico dos corinthianos, servindo como um legado para as relações políticas e administrativas. Já a *Garra Blanca* se mantém importante nos cenários das barras bravas chilenas, porém em uma capacidade estigmatizada devido ao uso e prevalência da violência dentro da organização (BASCUÑÁN, 2020). De toda forma, ambos nascem durante um período específico das interações política-futebol e conseguem se consagrar de geração em geração, apresentando o potencial imortal que fora mencionado por Bar-On (2014).

REFERÊNCIAS

- ACCORSI, Ana Cláudia; TAVARES, Gabriel Félix; SOUZA, Matheus Genriques de; PESSANHA, Nathália Fernandes. (2019). Indiretamente pelas diretas: A democracia corinthiana no Conjunto das Manifestações pelas Diretas Já!. **Revista Cantareira**, [online], n. 27, julho-dezembro/2017, p. 32-44. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27974>. Acesso em: 21 abr. 2024.
- AMÉRICO, Marcos. (2012). A irmandade dos excluído: “Raza Brava” – Documentário sobre a “Garra Blanca”, Barrabrava do Colo-Colo. In: MARQUES, José Carlos; GOULART, Jefferson Oliveira (orgs.). **Futebol, Comunicação e Cultura**. São Paulo: INTERCOM, 2012. p. 195-217. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/4d5c44fb742fe89fc9061a5932843d70.pdf>. Acesso em: 15 maio 2024.
- ARBENA, Joseph L. (1990). Generals and goles: assessing the connection between the military and soccer in Argentina. **The International Journey of the History of Sport**, [S. I], vol. 7, n. 1, p. 120-130. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09523369008713716>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- BAR-ON, Tamir. (2014). **The World Through Soccer: The Cultural Impact of a Global Sport**. Maryland: Rowman & Littlefield.
- BAR-ON, Tamir. (1997). The Ambiguities of Football, Politics, Culture, and Social Transformation in Latin America. **Sociological Research Online**, [online], vol. 2, n. 4, p. 15-31. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.5153/sro.127>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- BAR-ON, Tamir. (2018). Reflections on soccer, sovereignty and the state of exception. **Soccer & Society**, [online], vol. 19, n. 4, p. 534-559. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14660970.2016.1221824>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- BASCUÑÁN, Ricardo Cuevas. (2020). **Salta la Garra Blanca descontrolada: reflexiones sobre las políticas de control de las barras de fútbol chilena**. Buenos Aires. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20200904120525/Salta-la-Garra-Blanca.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.
- BESAGIO, Natália Martins. (2021). Cálice: censura e violência na Ditadura Militar Brasileira. **Em Tempo de Histórias**, [S. I.], vol. 1, n. 39, p. 55-68. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/38967>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- BIBLIOTECA** del Congresso Nacional del Chile (BCN). (2023). História Política Legislativa de Chile | Periodo 1973-1990: Régimen militar. Disponível em: https://www.bcn.cl/historiapolitica/hitos_periodo/detalle_periodo.html?per=1973-1990. Acesso em: 17 nov. 2023.

- BONIFACE, Pascal. (1998). Football as a factor (and a reflection) of international politics. **The International Spectator**, [S. I.], vol. 33, n. 4, p. 87-98. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03932729808456836>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- BOWMAN, Kirk. (2015). Review: FUTEBOL/FÚTBOL, IDENTITY, AND POLITICS IN LATIN AMERICA. **Latin American Research Review**, vol. 50, n. 3, p. 254-264. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43670319>. Acesso em: 18 jun. 2023.
- BRESCIA, Mariana; LAGE, Marcus Vinícius Costa. (2020). **Colo-Colo, 95 anos: de instrumento da ditadura à resistência antifascista**. Ludopédio, 19 abr. 2020. Disponível em: <https://ludopedia.org.br/arquibancada/colo-colo-95-anos-de-instrumento-da-ditadura-a-resistencia-antifascista/>. Acesso em: 1 maio 2023.
- CALDAS, Waldenyr. (1994). Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP**, [S. I.], n. 22, p. 40-49. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i22p40-49. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26958>. Acesso em: 18 jun. 2023.
- CALDERÓN, Pablo Alejandro Sierra. (2022). Un balón con comba violenta: el fútbol chileno durante la dictadura militar de Augusto Pinochet (1973-1987). **Quirón**, [S.I], p. 8-31. Disponível em: <http://168.176.97.103/ojs/index.php/quiron/article/view/456/393>. Acesso em: 17 nov. 2023.
- CANTONA, Eric. (2023). I Said No To Dictatorship On Every Level: Carlos Caszely. **Goalden Times**. Disponível em: <http://www.goaldentimes.org/tag/carlos-caszely/>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- CARRASCO, Ethan Tejos. (2022). **Criminalización vs Representatividad popular: Una mirada histórica acerca de las Barras Bravas desde la participación de la juventud. (1973-2006)**. Monografía (licenciatura de História) – Escuela de Historia, Universidad Academia de Humanismo Cristiano. Santiago. Disponível em: <http://bibliotecadigital.academia.cl/xmlui/bitstream/handle/123456789/6572/TLHIS%20248.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 set. 2023.
- CARBONETTO, Marién Cifuentes; CARVAJAL, Juan Carlos Molina. (2000). **La garra blanca: entre la supervivencia y la transgresión: la otra cara de la participación juvenil, (Santiago de Chile 1995-2000)**. Universidad de Arte y Ciencias Sociales, Centro de Investigaciones Sociales. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/35214901>. Acesso em: 29 abr. 2023.
- CORNEJO, Miguel. (2014). Las barras en el fútbol chileno: fenómeno social o violencia implícita. **Esporte e Sociedade**, vol. 2, n. 24, p. 1-22, setembro/2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/49231/28631>. Acesso em: 20 abr. 2024.
- CORREA, Gabriel Eduardo Martinez. (2011). **Cultura política y grupos de presión: hinchadas organizadas en el fútbol europeo**. Disponível em: <http://repository.javeriana.edu.co/handle/10554/7752>. Acesso em: 30 abr. 2023.
- COUTO, Euclides de Freitas. (2014). Football, Control and Resistance in the Brazilian Military Dictatorship in the 1970s. **The International Journal of the History**

of Sport, [S. I.], vol. 31, n. 10, p. 1267-1277. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/09523367.2014.922069?needAccess=true>. Acesso em: 10 ago. 2023.

COUTO, Euclides de Freitas. (2014). **Da ditadura à ditadura**: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978). Niterói: Editora da UFF.

EAGLETON, Terry. (2010). Football: a dear friend to capitalism. **The Guardian**. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2010/jun/15/football-socialism-crack-cocaine-people>. Acesso em: 24 abr. 2024.

EDEN, Jon Theis. (2013). **Soccer and International Relations: Can Soccer Improve International Relations?** Public and International Affairs – Research Papers: University of Ottawa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10393/26069>. Acesso em: 15 abr. 2024.

ELSEY, Brenda. (2011). **Citizens & sportsmen**: fútbol & politics in 20th-century Chile. Austin: University of Texas Press.

FLORENZANO, José Paulo. (2009). **A democracia corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: FAPESP; EDUC.

GIGLIO, Sergio Settani. (2020). “My Concern Was to Play Football”: Relations Between Football and Dictatorship. In: GIGLIO; PRONI. **Football and Social Sciences in Brazil**. 1. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2020. p. 31-47. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-030-84686-2>. Acesso em: 18 abr. 2024.

GOLDBLATT, David. (2014). **Futebol Nation**: The Story of Brazil Through Soccer. Nova Iorque: Nation Books.

LEMMI, T. **Onde Arena vai mal... um time no nacional**. Política FC, 8 jun. 2014. Disponível em: <https://politicafutclube.blogspot.com/2014/06/o-uso-politico-da-criacao-do-campeonato.html>. Acesso em: 28 maio 2024.

LEVINE, Robert M. (1980). Sport and Society: The Case of Brazilian Futebol. **Luso-Brazilian Review**, vol. 17, n. 2, p. 233-252. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3513101?seq=1>. Acesso em: 18 nov. 2023.

MARQUES, José Carlos; Azevedo, Núbia Maria Silva de; TSUTSUI, Ana Lúcia Nishida (2023). Time do povo, de luta e liberdade: as construções simbólicas do Sport Club Corinthians Paulista potencializadas pela Democracia Corinthiana. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura (Eptic)**, [online]. vol. 25, n. 1, p. 165-180. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/18481>. Acesso em: 17 mar. 2024.

MARTINS, Mariana Zuaneti; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. (2013). Diálogos Críticos sobre a democracia corinthiana como movimento social. In: Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 5, 2013, Brasília, p. 1-14. **Anais do XVIII congresso brasileiro de ciências do esporte (CONBRACE)**. Brasília. Disponível

em:

<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/viewFile/5520/2843>. Acesso em: 16 mar. 2024.

MARTINS, Mariana Zuaneti; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. (2014). Significados de democracia para os sujeitos da democracia corinthiana. **Movimento**. Porto Alegre, RS: UFRGS/Escola de Educação Física, 2014. Vol. 20, n. 1, p. 81-101. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1652794>. Acesso em: 17 mar. 2024.

MEMORIA VIVA. [s.d]. Estadio El Morro. Disponível em: <https://memoriaviva.com/nuevaweb/centros-de-detencion/viii-region/estadio-el-morro-de-talcahuano/>. Acesso em: 27 maio 2024.

NASCIMENTO, Jefferson Ferreira do; BRAGA, Maria do Socorro Sousa. (2022). O futebol como meio campo para a política: o jogo além das quatro linhas. **Revista de Sociologia e Política** [online]. vol. 30, p. 1-25, out. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-98732230e023>. Acesso em: 15 nov. 2023.

RÉGIS, Vitor Martins. (2004). **O acontecimento democracia corinthiana: cartografando estratégias de resistência ao modo de subjetivação capitalístico através do plano das práticas esportivas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/12616>. Acesso em: 18 mar. 2024.

RIBEIRO, Luiz Carlos. (2020). Football and Politics. In: GIGLIO; PRONI. **Football and Social Sciences in Brazil**. 1. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2020. p. 13-29. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-030-84686-2>. Acesso em: 18 abr. 2024.

RODRIGUES, André Rocha. **Democracia Corinthiana: ação direta, autogestão e produção de subjetividades**. Ludopédio, São Paulo, v. 156, n. 19, 2022. Disponível em: <https://ludopedia.org.br/arquibancada/democracia-corinthiana-acao-direta-autogestao-e-producao-de-subjetividades/>. Acesso em: 29 maio 2024.

SAAVEDRA, Manuel Bastías. (2013). **Sociedad civil en dictadura: Relaciones transnacionales, organizaciones y socialización política en Chile (1973-1993)**. Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado.

SEQUEIRA, Gabriela Ma. Reyes. (2014). **Las barras bravas en Chile: caracterización de un fenómeno social**. Dissertação de mestrado. Universidad Alberto Hurtado, Santiago, Chile.

SILVA, Edson Pimentel da. (2020). A década de 1980. Política e futebol no cenário da redemocratização brasileira. **Revista Cantareira**, n. 31, p. 44-59. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/40267>. Acesso em: 18 nov. 2023.

SILVA, Rafael Gustavo Frazão Fernandes da. (2016). O futebol brasileiro como espaço de disputa política (1969-1980). **Esporte e Sociedade**, n. 28, p. 1-21, setembro/2016. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/49565/29004>. Acesso em: 18 abr. 2024.

SHIRTS, Matthew. (1989) Playing Soccer in Brazil: Socrates, Corinthians, and Democracy. **The Wilson Quarterly** (1976-), vol. 13, n. 2, p. 119–123. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40257497>. Acesso em: 15 nov. 2023.

TAVARES, José Pedro. (2022). Arménia pronta a restabelecer relações diplomáticas com a Turquia, quebradas há 28 anos. **Rádio França Internacional**. Disponível em: <https://www.rfi.fr/pt/mundo/20220316-armenia-pronta-a-restabelecer-relacoes-diplomaticas-com-a-turquia-quebradas-ha-28-anos>. Acesso em: 15 abr. 2024.

WAELE, Jean-Michel De; TRIF, Alina. (2020). Introduction: soccer under authoritarian regimes. **Soccer & Society**, [online], vol. 21, n. 6, p. 625-628. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14660970.2020.1775048>. Acesso em: 18 abr. 2024.